

## Real do inconsciente e real da língua

A relação que Pêcheux estabelece com a psicanálise lacaniana é caracteristicamente ambígua. Seu ponto nodal é a ruptura teórica que se produz em 1978, no texto *Só há causa para o que claudica*, escrito como adendo a *Les Vérités de La Palice*, em meio ao *inverno político francês*, quando algo tropeça do lado da política. Ao mesmo tempo em que admite que alguma coisa falha em *Les Vérités de la Palice*, falha que aponta para o sujeito “do lado da psicanálise”, persiste em Pêcheux a idéia de uma reparação e de uma retificação possíveis. Pêcheux reage ao encontro com o *um* da ruptura que caracteriza o real do inconsciente com o exercício imperioso e severo da auto-crítica, inscrita na perspectiva progressista e unificadora do pensamento político. Ora, é justamente contra a perspectiva progressista que Lacan forja o termo *clocherie* no *Seminário, livro 11* — do qual Pêcheux extrai o título de seu artigo — e que podemos traduzir por *falhamento*<sup>1</sup>, para significar que alguma coisa não anda ou que anda de maneira torta. Desta forma, o adendo *Só há causa do que claudica*, ao fazer do sujeito o ícone do que falha do lado da interpelação ideológica, corre o risco de absorver o impossível que caracteriza o real do inconsciente na contradição que caracteriza a luta de classes. Cabe então perguntar, levando em consideração os textos da “terceira época” da AAD, o destino reservado ao “real do inconsciente” na reflexão pêchetiana, dimensão que nos parece aí ao mesmo tempo reconhecida e elidida.

No *Seminário 11*, de Lacan, o inconsciente é trabalhado primeiramente a partir da estrutura de uma hiância, o que implica tomá-lo em sua dimensão temporal, como uma pulsação na qual podemos reconhecer um tempo de abertura e um tempo de fechamento, conferindo a essa experiência um caráter evanescente. Tentemos situar melhor essa lógica, tendo em mente o esquecimento do nome do pintor Signorelli, analisado

---

<sup>1</sup> De acordo com a tradução de Maria do Rosário Gregolin. A versão brasileira do *Seminário 11*, de M. D. Magno, utiliza o termo *claudicação* (LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 27.

por Freud<sup>2</sup>: inicialmente alguma coisa se apresenta, na linearidade da fala, como uma falha no discurso. É o instante do lapso, efêmero, evanescente, marcado pela angústia da suspensão, ao qual podemos ligar a experiência da *causa* como inconsciente, nível primordial onde alguma coisa toma a função de apagar uma outra, fazendo surgir a fenda pela qual o enunciado que se articulava na intenção de dizer se desestabiliza logicamente. A esse instante segue-se um tempo de fechamento e de sutura onde se introduz a *lei* do significante, em que o trabalho discursivo do inconsciente, esse incansável cifrador, busca preencher a hiância que se abriu. Devemos assim operar a distinção entre o real do inconsciente, que se manifesta primeiramente como uma descontinuidade no discurso do sujeito, e o discurso do inconsciente, que podemos remeter ao retorno insistente da cadeia significante, na qual se depositam os restos do atravessamento do Discurso do Outro na experiência do sujeito.

Segundo nossa hipótese, o que se coloca em jogo no adendo *Só há causa para o que claudica*, é justamente a potência traumática do inconsciente real, na medida em que mais do que uma retificação reórica, trata-se aí do “drama do sujeito”. Decididamente, algo se desamarra na passagem entre a segunda e a terceira época da AAD de Pêcheux. A descontinuidade é flagrante entre as questões que permeiam “*Les Vérités de La Palice*” e aquelas lançadas no colóquio “*Matérialités discursives*”, em 1980. Um verdadeiro trabalho de interrogação-negação-desconstrução das noções postas em jogo na segunda época da AAD é então desencadeado. Ao mesmo tempo, a análise abre-se do lado do sujeito e do real da língua. Nossa questão se dirige, assim, para o que faz corte entre a segunda e a terceira época da AAD de Pêcheux. O que é certamente essencial, nessa nova configuração, é a referência ao *real*, que está no centro do colóquio “*Matérialités discursivas*”. Essa referência ao *real* orienta a pesquisa e expõe à angústia da perda dos *ideais* que animaram a *segunda época*.

---

<sup>2</sup> FREUD, S. O Esquecimento de nomes próprios. In: *Psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. IV.

Neste Colóquio, Pêcheux parte de uma tripla asserção: “Há um real da língua. Há um real da história. Há um real do inconsciente”. Essa tripla asserção manifestaria “uma relação problemática ao real” que nenhuma posição teórica poderia unificar. A disposição linear dessas três asserções, ao mesmo tempo ligadas e separadas pela pontuação, assinala os limites e as fronteiras materiais entre as disciplinas convocadas a se pronunciar sobre esse objeto que as perpassa, o *discurso*, evitando, desta feita, “fazer prótese para um pensamento político que falha”.

O que era, no *Adendo*, da ordem de uma falha a ser retificada, apresenta-se agora como uma disjunção, o que força o teórico do discurso a distinguir, ao lado dos encadeamentos discursivos, uma “escritura do desligamento”<sup>3</sup>. Pêcheux pergunta se esta escritura do desligamento, cujo modelo é Joyce, poderia ser aproximada da escritura do sujeito dividido. Essa forma de *apresentação* do *sujeito* deve ser distinguida da manifestação do *outro* no discurso. Os efeitos de divisão subjetiva não são efeitos que podemos reduzir a uma dualidade ou a um antagonismo entre o *sujeito* e o *outro*.

Explicitemos um pouco mais a aporia entre o real do inconsciente e o real da língua. Se partimos de uma definição estrita de ciência, o real da língua é da ordem do calculável. Isso implica, segundo J. C. Milner<sup>4</sup>, conceber o real da língua como “causa de si, afastando toda causa que não seja da sua ordem, fazendo-o causa apenas de sua ordem”. No entanto, a língua não é inteiramente recoberta pelo cálculo. Nem tudo se diz a partir do sistema da língua. Eis o paradoxo trazido pela noção de real da língua que percorre os últimos textos de Pêcheux: ele revela a presença de um impossível inerente à língua, borrando todo traçado do limite entre o gramatical e o agramatical, o sentido e o não sentido, o uno e o múltiplo, o homogêneo e o heterogêneo. “O real da língua é, portanto, o impossível que lhe é próprio”, diz Pêcheux. A língua, sistema de signos, é também substância, “matéria viva para os fantasmas”, conforme se expressa Milner; ela é tanto o objeto de uma ciência como o objeto de um amor. Nesse sentido, “a língua suporta o real da *lalíngua*”, os

---

<sup>3</sup> “l’écriture à dé-liasion”.

<sup>4</sup> MILNER, J.C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

resquícios da experiência do aprendizado da língua materna, como peças soltas que parasitam a linguagem sem entrar no sistema da língua.

Do lado do real do inconsciente, por sua vez, trata-se sempre da impossibilidade da relação (*rapport*) sexual que afeta o sujeito falante em seu ser mesmo, produzindo, assim, um excedente de gozo. Ora, para Lacan, avançando um pouco mais a partir disso que Pêcheux não chega a construir, é justamente esse excedente que o *discurso* busca concernir, aspecto que será trabalhado em seu *Seminário, livro 17*. O silêncio de Pêcheux com relação à teoria lacaniana dos discursos não deixa de apontar que o “discurso”, como objeto teórico que interessa tanto à análise do discurso quanto à psicanálise, é um objeto equívoco, amplo demais, difícil de contornar. A alternativa seria tomar esse silêncio não como um signo da não-relação entre elas, mas como um sintoma que, para além do simples desconhecimento que poderia justificar esse silêncio, aponta para aquilo que não podendo ser aproximado sem provocar uma significativa desestabilização permanece localizado prudentemente à distância.

Resta saber onde situar o real do inconsciente na *teoria lacaniana dos discursos*. Se o discurso do inconsciente está em todo lugar, distribuído conforme as diferentes versões que os termos discursivos lhe conferem, o real do inconsciente não se encontra em lugar nenhum. Melhor seria designá-lo, como faz Lacan, no “espaço de um lapso”, ali onde “já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação)”. Só então, prossegue Lacan, “temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo”<sup>5</sup>. Nossa tese, quanto ao *sujeito no discurso*, é que o sujeito só conta aí na medida em que o discurso supõe um fechamento do que, de início, se apresenta como uma “abertura infernal”, da qual fala Lacan, referindo-se à descoberta do inconsciente por Freud. Todo *discurso* é uma resposta ao real do inconsciente, ao seu traumatismo. Em contrapartida, a consequência política do real do inconsciente é a de provocar a desarticulação do discurso do mestre em sua armadura significativa, introduzindo o equívoco na evidência do sentido que ele promove.

---

<sup>5</sup>LACAN, J. Prefácio à tradução inglesa do Seminário 11. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p 567.

Poderíamos, assim, aproximá-lo do que Pêcheux denominou uma “escritura do desligamento”. Nela, o significante cessa de representar o sujeito para um outro significante. Disso depende, contudo, o advento de uma “nova escrita”<sup>6</sup>.

**Frederico Zeymer Feu de Carvalho**

**III SEAD**

**Comunicações – sessão II**

**Real da língua, do sujeito, da história e do discurso**

---

<sup>6</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 23, O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorga Zahar, 2007, p. 127.